Capitão-mor José de Xerez Furna Uchoa

O homem de seu tempo (1722-1797)

Francisco Esio de Souza*

Introdução

Para falar de Xerez Furna Uchoa é preciso dar um salto atrás, na História, e falar da sucessão da Coroa portuguesa, após a morte de Dom Sebastião e Dom Henrique, quando Filipe II (1580) de Espanha; unificou os dois países sob a mesma Coroa. Na genética liga-se ao Papa Adriano VI, antepassado de Furna Uchoa, que foi tutor de Carlos de V, pai do ambicioso Filipe II.

Na literatura, as três primeiras décadas do século XVIII, ainda sofriam algumas influências do século XVII que, pouco a pouco, abdicava de seus valores para que o século seguinte assumisse sua identidade própria.

Já não se admirava tanto o barroco, cuja produção literária não mais transmitia a angústia do conflito entre o mundo material e o espiritual; as metáforas, as antíteses e hipérboles, perdem espaço na linguagem da comunicação para emergir o Neoclassicismo ou Arcadismo como grife do século XVIII. O século da ascensão da burguesia e seus valores: *fugere urbem*. A vida bucólica passa a ser valorizada e a natureza, admirada. Os ideais da vida do campo são retomados com o pragmatismo e a razão enfeitiçando o mundo.

Falar da Dominação Holandesa, em Pernambuco (1630-1654) na turbulência social da revolta e chacina dos emboabas (1708); da Independência dos Estados Unidos da América (1776); da Revolução Francesa (1789); da Inconfidência Mineira (1792). Preciso é vivermos o Novo Mundo do Brasil português, dominado por Filipe II de Espanha; que

* Sócio efetivo do Instituto do Ceará.

desembarquemos nos arrecifes da costa pernambucana; respiremos o ar adocicado da zona da mata nordestina, que nos rejubilemos ou soframos com o sucesso ou as agruras da indústria açucareira pernambucana. É preciso que nos adaptemos às enchentes dos Rios Capibaribe e Beberibe, no Recife; saboreemos o prato de goiamum, em Goiana (PE); deliciemo-nos com o suco de mangaba dos tabuleiros costeiros; banhemo-nos nas praias de Pontas de Pedras (Goiana) na Porto de Galinhas (Ipojuca) e recordemos as batalhas do (Forte Orange); rezemos para Nossa Senhora do Pilar, em Itamaracá; enfrentemos as secas e enchentes do Rio Acaraú, curta o ciclo do couro e apure o ouvido para escutar o canto corruchiado do canário da terra no capitel de folhas imbricadas das carnaubeiras das várzeas aluvionais. É preciso que tenhamos coragem de catequizar, depois dos Caetés, em Olinda, os Tremembés, em Almofala, e nos acostumemos com o mugir do boi no curral, com o calor da Caiçara, com o sabor amargo do café da serra da Meruoca.

É preciso que nós exerçamos uma liderança política, no Ceará do Brasil Colonial, que saibamos cumprir a etiqueta do Versailles de Luiz XV de França. É preciso que saibamos conviver com as intrigas palacianas, dos Ouvidores Gerais, dos Governadores corruptos da capitania do Siará Grande.

É preciso que saibamos de tantas coisas mais, porquanto ser Furna Uchoa é ser bom chefe de família, líder político, empresário de seu tempo, católico, caridoso, inovador, polivalente. É preciso trocar a personagem folclórica de Maria Florzinha, da zona da mata pernambucana, pelo Caipora das Caatingas litorâneas do Ceará. Mas é preciso, finalmente, sobretudo, que eu me volte para meus antepassados e, num todo imaginário, me encontre com o meu próprio quinto avô materno, o Capitão-mor José Xerez de Furna Uchoa.

Feito este passeio pelos dois Nordestes – o úmido de Gilberto Freire e o outro, o seco, de Djacir Menezes, – é bom que se diga que o presente trabalho é uma versão ligeiramente acrescida de alguns elementos colhidos à luz do início deste século XXI, de outros trabalhos já brilhantemente feitos nos séculos atrasados e passado e publicados inclusive, na Revista deste Instituto Histórico.

Em ordem temporal destaca-se a Genealogia de Arnaud Holanda, escrita pelo próprio Xerez; TRAÇOS BIOGRÁFICOS do Capitão-mor

José de Xerez Furna Uchoa, o Introdutor do Café no Ceará, de Manoel do N. Alves Linhares; que me escude na competência de Pe. Francisco Sadoc de Araújo, que eu me acuda de Barão de Studart, de Dom José Tubinambá da Frota, de João Brígido, de Celso Furtado, Manoel Correia de Andrade e tantas outras personalidades que transitaram por minha cabeça, durante a feitura deste trabalho.

Assim, os acréscimos que, porventura, eu fizer às obras já escritas sobre Furna Uchoa, correrão à conta de informações de um mundo globalizado e, principalmente, por ter eu nascido na região do cenário físico onde Xerez Furna Uchoa viveu a segunda parte de sua vida, bem como eu ter trabalhado na zona da mata pernambucana, pelo período de dezoito anos, onde o pesquisado nasceu e viveu a primeira parte de sua vida. Conheci lugares, convivi com pessoas descendentes das famílias que são relacionadas dentro do ciclo genético de Furna Uchoa. Pena que na época, pouca importância eu dava a este assunto, tampouco sabia de minha descendência direta de Furna Uchoa por meio do sangue do seu sexto filho, no caso, José de Lira Pessoa; deixando, assim, escapar excelentes oportunidades de pesquisar nos municípios de Goiana, Ipojuca, Itamaracá, Igarassu ou no Recife, tudo em Pernambuco, ou de viagens feitas à Espanha, Portugal e França.

Feitos estes esclarecimentos de natureza introdutória e antes de me adentrar no tema propriamente dito da figura do Capitão-mor José de Xerez Furna Uchoa, eu quero destacar alguns pontos de sua biografia.

Em primeiro lugar impressiona a firmeza de seu caráter, que não abdica de seus valores morais, num só milímetro, mesmo quando isto implique perdas financeiras, políticas ou de sua própria liberdade, o ponto mais temido de subtração não só pelo homem, mas pelo próprio animal.

Segundo, chama atenção o seu espírito irrequieto, desassombrado, prospectivo, inovador, cativo dos que conquistam o mundo. Romper com os paradigmas do conservadorismo, da mesmice, é próprio das pessoas dotadas de ambição e visão de futuro. Xerez era um desses!

O terceiro piso assenta-se no excessivo devotamento e orgulho que tinha pelo sangue que lhe irrigava o corpo, conseqüentemente o zelo pela família. Finalmente, o desapego material a tudo que pudesse comprometer o referencial do seu ideário de vida.

Desdobremos estes pontos;

I PARTE

1 Quem foi José de Xerez Furna Uchoa?

José de Xerez da Furna Uchoa fez parte de uma família composta de seis irmãos, contando com ele, sendo 4 filhos do primeiro casamento de sua mãe, D. Inês de Vasconcelos Uchoa, com Francisco Xerez da Furna, seu pai, e os outros dois, do segundo casamento de D. Inês com Lourenço da Silva Melo.

São seus irmãos de primeiro casamento: Luiz de Sousa Xerez, Rosaura de O. Mendonça e Ana da Conceição Uchoa.

Luís casou-se duas vezes; a primeira em 20 de agosto de 1750, com Ana Tereza de Albuquerque, filha de João Lins Albuquerque e Rosa Maria Ferreira, casou-se a segunda vez, em 26 de novembro de 1789, com Quitéria Maria do Rosário, filha de Francisco Ferreira da Ponte e Inácia Ferreira do Espírito Santo. Rosaura casou-se também duas vezes; a primeira, com o viúvo Gonçalo Ferreira da Ponte, sendo sua terceira mulher; a segunda vez, em 27 de novembro de 1762, com André José Moreira Cavalcante, filho de João da Costa e Brásia de Oliveira Cavalcante. Ana casou-se com Manoel Gonçalves Torres.

Do segundo casamento de Dona Inês de Vasconcelos nasceram Inocência Vaz Vasconcelos e João de Melo e Silva. Inocência casou em 20 de fevereiro de 1758, com José Bernardo Uchoa, filho do Cel. José Bernardo Uchoa e Maria Cavalcante. João de Melo casou-se, em 22 de fevereiro de 1777, com Ana da Conceição, filha de Manoel Madeira de Matos e Francisca de Albuquerque Melo.

2 A ascendência conhecida

José de Xerez Furna Uchoa, nasceu em 16 de setembro de 1722, na cidade de Goiana, localizada na zona da mata do Estado de Pernambuco. São seus pais o Capitão Francisco Xerez da Furna, Juiz de Órfãos,

em Goiana (PE), e D. Inês de Vasconcelos Uchoa. Era neto paterno de Bartolomeu Rodrigues Xerez, de origem espanhola e de Dona Eugênia Vaz da Silva. Neto materno de Francisco Vaz Carrasco e Antônia de Mendonça Uchoa. O Uchoa, herdado de D. Antônia, é uma palavra de origem basca (Espanha) significando lobo.

Veja o que diz Linhares[1] sobre a ascendência mais remota conhecida do Capitão José de Xerez Furna Uchoa: "Descende ele, por via paterna, da distinta família Xerez (de origem espanhola) por seu avô, o Capitão Bartholomeu Rodrigues de Xerez, que, em 1703, residia em Olinda e era filho de João de Xerez, ambos fidalgos cavaleiros da Casa Real e, naturais, de Lisboa; e da nobre família Vaz Carrasco, por sua avó, D. Eugênia Vaz da Silva, neta de Sebastião Vaz Carrasco, nobre Olindense, e irmã de Francisco Vaz Carrasco, cavaleiro da Ordem de Christo e padre depois de viúvo.

Foi este Francisco Vaz Carrasco Capitão de Ordenanças de Upojuca, por patente datada de 26 de agosto de 1666, que se acha registrada no Livro 2 da Secretaria, à folha 229. Por este documento régio, vê-se ainda uma vez comprovada a nobreza desta família, que muito honrosamente se portou na guerra holandesa.

Por via materna é ele descendente das nobilíssimas famílias Uchoa, Góes e Vasconcelos, Holanda, Albuquerque, Lyra Pessoa, Sá e Oliveira, Vaz Carrasco e outras, e por todos os lados, aparentado com os Lins, Cavalcanti, Rego Barros,[2] Paes Barreto, Barros Pimentel, enfim com as principais famílias das antigas capitanias da Bahia, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande e Ceará.

---

[1] Manoel do N. Alves Linhares – Traços Biographicos do Capitão-mór José de Xerez Furna Uchoa – O Introductor do Café no Ceará – Revista Trimestral do Instituto do Ceará, Ano de 1901. págs. 66 e 67.

[2] Dos Rego Barros, família tradicional em Pernambuco, assim são os Cavalcanti, os Paes Barreto, os Lira Pessoa, os Albuquerque, destaco a figura de Francisco do Rego Barros, o Conde da Boa Vista, irmão de João do Rego Barros, Barão de Ipojuca. O Conde da Boa Vista, nasceu no "Engenho Trapiche", filho de Francisco do Rego Barros e de Mariana Francisca de Paula Cavalcanti de Albuquerque. Em 1821, já como cadete do Exército do Batalhão de Artilharia do Recife, participou do movimento conhecido como a Revolução de Goiana. Preso, e enviado para fortaleza de São João da Barra, em Lisboa, Portugal, onde foi mantido até 1823.

Posto em liberdade, viajou para Paris, bacharelando-se em matemática pela Universidade de Paris. De volta a Pernambuco, dedicou-se á política e, com apenas 35 anos de idade, foi designado presidente da Província de Pernambuco, no período de 1837 a 1844.

"Descende da família Uchoa por ser segundo neto do Sargento-mor Francisco de Farias Uchoa, filho de Marcos André,[3] fidalgo da Casa Real, e de D. Maria de Mendonça Uchoa, irmã do Mestre de Campos Gaspar de Souza Uchoa, segundo deste nome, fidalgo cavaleiro da Casa Real por Alvará régio de 20 de abril de 1646 e filha de Gaspar de Souza Uchoa, primeiro deste nome, que por seus altos feitos e serviços relevantíssimos na guerra holandesa foi tomado no foro de fidalgo cavaleiro da Casa Real pelo Conde de Bagnuolo e Duarte Albuquerque, o que foi confirmado por Alvará Régio de 28 de março de 1640, que vem transcrito no fim do Livro segundo destas memórias. Era este Gaspar de Souza Uchoa filho de Simão Borges, fidalgo da Casa Real e ambos naturais de Maçãs, em Portugal. Por padrão régio de 20 de março de 1703 Gaspar de Souza Uchoa, terceiro deste nome, fidalgo cavaleiro da Casa Real por Alvará Régio de 20 de março de 1699, foi remunerado com a tença anual de 48800 réis, pelos grandes serviços feitos durante a guerra holandesa por seu pai e avô, os referidos Gaspar de Souza Uchoa, guerra em que muito se distinguiram. Como forças de infantaria, Gaspar de Souza Uchoa aprisionou a nau almirante holandesa, por ele posteriormente entregue em perfeito estado ao Vedor Geral da Armada".

Governo de grandes realizações, dentre as quais se destacam as estradas ligando Recife às áreas produtoras de açúcar, a ponte pênsil de Caxangá, sobre o Rio Capibaribe, o Teatro Santa Isabel, reconstrução das Pontes Santa Isabel, Mauricio de Nassau, e Boa Vista, abastecimento de água potável para o Recife, entre outros benefícios.

[3] Veja-se, por esta observação do inglês Henry Koster, feita em Viagens ao Nordeste do Brasil, quanto de fidelidade encerram os escritos de Linhares, extraídos de dados do próprio punho de Xerez : " Nos meados de janeiro de 1813, fui passar alguns dias na casa de um amigo, que morava na campina do Barbalho". E explica Koster o que seu significado: "Barbalho, na Várzea, era um lugarejo perto do Monteiro, ficando este na margem direita do Capibaribe e Barbalho à esquerda. Veio-lhe o nome por ter pertencido a dona Inez Barbalho, viúva de Antônio Borges Uchoa. O pai desse Uchoa, Marcos André, fora o primitivo proprietário de engenho que, devido a ter a Capela um torreado, detalhe arquitetônico de raridade na região, denominara o domínio. É a "Torre". Ainda hoje arrabalde do Recife. O filho Antônio Borges Uchoa, mandou fazer uma ponte atravessando o Capibaribe, indo à margem, onde deságua o riacho Parnamirim. Atualmente ainda conhecemos nos arredores do Recife a " Ponte d`Uchôa", embora esta não exista mais, a viúva, com se vê, dera batismo ao Barbalho". Henry Koster - Viagens ao Nordeste do Brasil pag. 309. vol. 2 – Tradução, prefácio e Comentários de Luís da Câmara Cascudo. Editora ABC.

3 O primeiro *habitat* no Brasil

Goiana - Aportados de Portugal, os pais de XEREZ, Francisco Xerez da Furna e Inês de Vasconcelos Uchoa, fixaram-se em Goiana, zona da mata Norte do Estado de Pernambuco. Um município, como os demais da zona da mata nordestina, de vocação economicamente voltada para o cultivo da cana-de-açúcar. Não tão bons ecologicamente (solo e precipitação pluvial) como os da mata Sul – Cabo, Ipojuca, Serinhaém, Rio Formoso e Barreiros; contudo Goiana era também uma produtora de açúcar, a mais importante mercadoria, depois do ouro, do Brasil Colonial.

Do ponto de vista edáfico, o município de Goiana, com expressiva porção de seu espaço físico, situado entre os tabuleiros costeiros dele próprio e o de Igarassu, não apresentava solos tão ricos quimicamente argilosos, profundos (dos massapês) tampouco registrava um regime pluvial farto (1700 mm) como as terras da mata Sul.

Nem a mata úmida nem a mata seca de Pernambuco, apresentam variações abruptas de chuvas a ponto de comprometer a sobrevivência da cultura quando muito sua produtividade. Essa análise põe em evidência que as terras da mata sul eram mais produtivas, mais rentáveis, conseqüentemente seus agentes econômicos mais prósperos.

A região de Goiana, apesar de não ser muita chuvosa para os padrões da zona da mata nordestina, a ponto de Vasconcelos Sobrinho classificá-la de mata seca, ainda assim, pela ausência dos solos litólicos característicos do semi-árido, contava com seus rios correndo o ano todo, facilitando o escoamento do açúcar para o Porto do Recife.

Estrutura funcional do engenho

O engenho assentava sua estrutura em três agentes produtivos: o senhor de engenho, os proprietários de terra e os lavradores. Os proprietários de terra tinham sua produção de cana vinculada ao engenho, contudo, não tão cativa quanto os lavradores que cultivavam nas terras do senhor de engenho. Isto significa que proprietários e lavradores funcionavam como fornecedores de matéria prima para o engenho, como presentemente funciona o engenho fornecendo matéria prima para a Usina de Açúcar.

Resta-nos saber se o pai de Xerez era senhor de engenho, o mais cobiçado dos títulos do Brasil Colonial, senhor de engenho capelado, fornecedor de cana oriunda de suas próprias terras ou de lavrador das terras do engenho.

Esta última parece-me mais difícil pela importância que desfrutava o Capitão-mor e Juiz de Órfãos de Goiana, Francisco de Xerez Furna, pai de José de Xerez Furna Uchoa, bem como imbricação que tinham, como vimos, os Xerez Uchoa com as famílias mais importantes e nobres da Capitania Duartina.

4 Que fatores podem levar uma família a migrar?

Apesar de Linhares[4] em seus traços biográficos de Xerez, afirmar que o deslocamento da família deveu-se a questões de doenças de sua mãe, não custa nada especular o adicionamento de outros fatores coadjuvantes, que se sintetizam, contudo, pela ameaça à sobrevivência de uma família. Sobrevivência esta, que pode ser abalada por fenômenos naturais: (abalos sísmicos, enchentes, secas)… guerras, perseguições políticas, religiosas, crises econômicas, apego a valores culturais, aconchego familiar e enfermidades em busca de cura…

Analisemos, ponto a ponto, os elementos que poderiam ter levado os Xerez a migrarem, corroborando com a necessidade de cura de Dona Inês Vasconcelos Uchoa.

Não há registro, tampouco faz parte do histórico da região a ocorrência de catástrofes naturais, a não ser, sem maiores conseqüências, os estragos causados às populações ribeirinhas pelas enchentes, sobretudo dos Rios Capibaribe e Beberibe ao largo de seus cursos, com ênfase no Recife e Olinda.

Do ponto de vista agrícola, as inundações, quando passageiras, se por um lado, causavam a perda de alguns partidos ou tarefas de cana dos engenhos, por outro, enriqueciam os solos com matéria orgânica tão salutar para o arejamento dos solos pesados de massapês da zona da Mata.

---

[4] LINHARES, Manoel do N. Alves - Op. cit. p. 69.

Para demonstrar que este assunto nunca foi de relevância no Estado de Pernambuco, basta ver que as inundações da cidade de Recife, pelo Rio Capibaribe, somente foram combatidas com mais rigor, durante o governo do presidente Ernesto Geisel (1974-1978) com a construção da Barragem de Itapacurá. Em Pernambuco, a seca só castiga intensamente o sertão, menos o agreste e muito pouco a zona da Mata.

Mas, que cenário econômico vivia Pernambuco na transição do fim do século XVII para o começo o XVIII, época em que os pais de Xerez moravam em Goiana?

4.1 Guerras

A luta para expulsar os holandeses do solo pátrio, iniciada em 1645, e vigente por longos nove anos, provocou sérios estragos aos canaviais dos engenhos pernambucanos, conseqüentemente na economia da capitania. Some-se a isto o que diz Porto [5] sobre "os interesses conflitantes – nacionais e reinóis, nobreza rural e população urbana, senhores de engenho e comerciantes – desabaria a luta de novembro de 1710 – a conhecida "guerra dos mascates" cujo desfecho agravaria a desgraça da terra, e de tamanha influência nos destinos da própria capitania que, poder-se-ia dizer, o resto do século 18, lembra a nossa "idade média", imerso Pernambuco em "apagada e vil tristeza, levando anos e anos para a cicatrização das feridas resultantes da luta sacrificada".

As imbricações de interesses de ordem econômica e política, com reflexos no social, geraram um quadro tal de disputa que culminaram no estado de guerra, a Guerra dos Mascates, a qual ocorrida entre 1710 e 1711, na então próspera e aristocrática Capitania de Pernambuco, é considerada pela historiografia brasileira como um movimento nativista, beligerante, entre os nobres e poderosos senhores de Engenho, concentrados em Olinda e os comerciantes portugueses, pejorativamente, denominados de mascates, estabelecidos no Recife.

Todavia o fermento que gerou e robusteceu o conflito nasceu da crise da indústria canavieira pela retração dos preços do açúcar no mercado internacional, pela entrada das Antilhas. Nessa conjuntura

[5] COSTA PORTO. *Pequena História da Confederação do Equador* – Recife, 1974, p. 12.

competitiva, os preços do açúcar despencaram a obrigar os soberbos senhores de engenho a contraírem mais dívidas junto à burguesia lusitana (credora) a juros ainda mais altos, se não quisessem ver seus engenhos de fogo morto.

Os mascates venceram a disputa, e o Recife emancipou-se de Olinda! Os reflexos desse estado de coisas projetaram dificuldades para o bom desempenho da indústria açucareira, porquanto a queda da Dominação Holandesa no Nordeste já havia deixado seqüelas na indústria açucareira em crise financeira sem, portanto, dispor de capital financeiro para suprir os engenhos de equipamentos e mão-de-obra (escrava).

Nesse quadro difícil, somente os engenhos mais capitalizados e possuidores de elevada produtividade pelo diferencial de terras mais férteis, sobreviveriam, porquanto as variedades de cana (caiana) para o plantio deviam ser a mesmas.

4.2 Aspectos econômicos da indústria açucareira do século XVIII

A indústria açucareira do século XVIII, voltada, sobretudo, para o amplo mercado externo, sofria oscilações de preços a depender dos humores da oferta e procura nas grandes praças européias. O açúcar, mais do que hoje, representava o importante *commodities* de sua época, porquanto do seu bom ou mau desempenho, vivia a "açucocracia" pernambucana no dizer de Evaldo Cabral de Melo.

A dimensão do negócio açucareiro era tão pujante, que Furtado,[6] tratando do assunto, disse que "a renda total gerada pela economia criatória (renda esta provinda da venda de gado e exportação do couro de gado do Nordeste), seguramente não excederia a cinco por cento do valor da exportação do açúcar". O pendular desempenho de preços refletia diretamente na dinâmica da economia pernambucana, visto contribuir o açúcar, de modo acentuado, para a receita da Capitania e, conseqüentemente, para os seus agentes econômicos, os senhores de engenho. Enquanto, indiretamente, penalizava o semi-árido pastoril pelo estreitamento do mercado da zona da mata para o consumo dos produtos do sertão, como

[6] FURTADO, Celso Monteiro – *Formação econômica do Brasil*, p. 57.

os animais de tração para mover os engenhos, a carne, o couro e seus derivados para a escravaria. Assim, do mesmo modo que a expansão do açúcar dependia do mercado externo, o sertão dependia da zona da mata para crescer dada a pequenez do mercado do semi-árido de baixa densidade populacional e ínfima capacidade de compra.

Como já visto, a eclosão da "Guerra dos Mascates" deixou seqüelas duradouras para o setor açucareiro bem como entre os senhores de engenho e os comerciantes portugueses. É bom lembrar que Furna Uchoa nasceu em Goiana, onze anos depois do conflito da Guerra dos Mascates, vivendo, assim, sua infância, até vir para o Ceará, por certo, ouvindo as queixas dos brasileiros para com os portugueses. Queixas que, naturalmente, ficaram escondidas e contidas em seu subconsciente, sem poderem se manifestar.

Como se observa, migrar de uma região de economia opulenta e gosto requintado, como nos revela Porto,[7] como a da região da zona da mata pernambucana, próximo do Recife, a metrópole do Norte do Brasil Colonial do século XVIII, desenvolvida econômica, política e culturalmente, rodeado de parentes bem-sucedidos, para se aventurar no semi-árido cearense com histórias de sucessivas secas e lutas indígenas; somente um motivo de força maior, com a saúde ou de busca de melhores alternativas financeiras, poderia justificar.

Pelo que se depreende da análise de sua biografia, José de Xerez Furna Uchoa era homem altamente comprometido com a ética, com o trabalho e, sobretudo, com os valores familiares.

4.3 Perseguição religiosa

É vulgar a todos os historiadores que pesquisam a biografia de FURNA UCHÔA reconhecer sua obstinada preocupação em negar raízes judaicas. Assunto tão temido por alguns, na época, e freqüentemente

[7] COSTA PORTO, Olinda, sede do governo de Pernambuco, "já nos fins de 1500 provocava os entusiasmos dos visitantes, apontando-a o padre Cardim como " uma Lisboa pequena" com uma elite de "grandes de Espanha", levando vida de fausto e de dissipação, comendo do bom e do melhor – novo bene bibes et males vives", do antigo, vestindo a capricho, vivendo "à lei da nobreza", notando-lhe o jesuíta "mais vaidade" do que na Capital do Império". Ob. cit., Recife 1974, p. 11.

apregoado por seus adversários políticos como sendo um deles aqui, no Ceará. Tamanha foi a seriedade com que Furna Uchoa encarou o assunto que ele, obstinadamente, viajou, pesquisou, por doze anos, as entranhas das mais longínquas raízes de sua frondosa árvore genealógica para provar que ela não se alimentava da seiva judaica, principalmente, a provinda dos Lyra Pessoa de quem ele também descende.

Aqueles que se derem o trabalho histórico de conhecer nossos primeiros povoadores, vão deparar com o bandeirantismo dos Lira. Brígido,[8] por meio de seu aguçado faro de pesquisador apontou, os Lobato Lyra, como os primeiros sesmeiros do Cariri. Veja-se o que diz o acreditado historiador: "A tradição coloca entre 1672 e 1678 o começo do povoamento das regiões supedâneas do Araripe pela família Mendes Lobato Lira, já tendo sido elas, antes, exploradas por *bandeirantes* da casa chamada da Torre, da Bahia, a qual possuía muitas terras nas imediações do S. Francisco, onde criava gados".

Com o objetivo de reforçar com fatos concretos o que a tradição consagrava pelo vulgo, o mesmo Brígido se apoiava no inventário que o Juiz de Órfãos de São José de Ribamar, João da Cunha Lemos, fazia em 17 de agosto de 1719, "no sitio Barra da Ribeira dos Icós", noutras partes, se diz Barra do Rio Salgado, ou Barra do rio Salgado da Ribeira do Jaguaribe" dos bens que possuía o capitão Antônio Mendes Lobato, residente naquele rio, a quem havia morrido a mulher". Para Brígido, o inventário acima citado, não deixa dúvidas que a aludida família – Mendes Lobato Lira – "possuía terras no Cariri, por concessão do capitão-mor Gil; o que confirma a idéia de ter sido dos primeiros conquistadores, como quer a tradição". E adianta: "Não há notícia de sesmaria mais antiga no sul do Ceará e cumpre dizer que a primeira, que se concedeu no litoral da capitania, é mais antiga apenas 37 anos".

Cumpre também dizer que todo esse privilégio da família acima referida, proveniente de Contiguiba (SE) e composta do próprio Capitão Antônio Mendes Lobato e Lyra, seus filhos capitão João Mendes Lobato e padre José Lobato do Espírito Santo, foi conseguido por meio do padre José Lobato junto a D. Estevão Brioso de Figueiredo, o primeiro bispo de Olinda, que mandou "Frei Carlos {do convento da Penha} missionar

[8] BRÍGIDO, J. – *Revista do Instituto Histórico do Ceará* – ano de 1900.

no Cariri, fica, pois, entendido que o estabelecimento deles, conseqüentemente o povoamento daquela região", começou pela família Mendes Lobato Lira.

Théberge,[9] abordando o mesmo assunto, situa com mais precisão, às margens do riacho dos Porcos, nos sertões situados ao nascente da extremidade da serra do Araripe, o local onde se estabeleceu o *entradista,* capitão Antônio Mendes Lobato e seus filhos e sua gente.

Reconhece-se, contudo "como diz Andrade,[10] que, nos fins do século XVI," tão grande era o número de judeus e tal sua importância em Pernambuco, que a Capitania Duartina recebeu a visitação do Santo Oficio, demorando-se o seu representante em Olinda, procurando punir os cristãos novos, que permaneciam fiéis às práticas religiosas do mosaísmo.

Studart,[11] também registra o prestígio dos Lira junto à Igreja da Santa Inquisição, a concessão, a 10 de janeiro de 1718, em atendimento a padre Francisco Lyra, superior da Companhia de Jesus, "na missão de Ibiapaba (CE) de sete léguas de terras, sendo três a D. Jacob de Souza Castro e a toda sua gente, duas ao mestre de campo D. José Vasconcelos e duas finalmente ao Capitão-mor D. Sebastião Saraiva e a toda a sua gente".

Se ainda não basta, veja-se que Furna Uchoa orientou seu filho mais velho dos homens para a sublime missão do sacerdócio. Vieira, citado por Coelho,[12] questionando o comportamento do Santo Oficio, em Portugal, vendo práticas judaizantes em todo recanto, interrogava-se como seria possível alguém judaizar durante longos anos sem ser apanhado em flagrante, particularmente em terras tão pequenas "donde não se abre uma porta, nem se diz uma palavra que o não saiba toda a terra"; e acrescentava: "em Portugal não há apartamento separado, senão em casas de senhores grandes, e tudo se reduz a duas ou três instâncias, donde não haver cheiro bom nem mau que não se sinta em toda a casa".

---

[9] THÉBERGE, P. - *Esboço histórico sobre a província do Ceará.* Tomo I – p. 92. Biblioteca Básica Cearense – Fundação Waldemar Alcântara. Fortaleza, 2001.

[10] ANDRADE, Manuel Correia de. - *A Terra e o homem no Nordeste*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas. 1980, p. 58.

[11] STUDART, Barão de. - *Datas e Factos para a História do Ceará.* Tomo I. Biblioteca Básica Cearense – Fundação Waldemar Alcântara. Fortaleza 2001, p. 154.

[12] COELHO, Antônio Borges. *Cristãos-Novos, Judeus Portugueses e o Pensamento Moderno – A Descoberta do Homem e do Mundo.* Companhia das Letras, p. 256.

Mutatis mutandis, como poderia Furna Uchoa, um homem de projeção política, econômica e social de sua época, judaizar, à socapa, em um lugar tão pequeno como Caiçara ou Sobral do meado do século XVIII, sem que ninguém o percebesse?

Como seus inimigos políticos, ou de outra natureza qualquer, não tinham como atacá-lo, dado o seu caráter e sua personalidade incorruptível, no meio corrupto do Brasil português do século XVIII, apegavam-se as calúnias como maneira de feri-lo.

Linhares,[13] seu trineto, reportando-se a assunto, aponta como causa da vinda de Dona Inês de Vasconcelos Uchoa, já viúva de Francisco Xerez Furna, e seus filhos, à busca de um clima favorável ao combate de uma enfermidade, acredita-se, ser de caráter respiratório.

A tomada desta decisão deve ter sido ajudada pela condição e pelo propósito de Dona Inês que desejava instalar-se, como se instalou nas imediações da Lagoa Seca, hoje Município de Bela Cruz (CE), onde já residia Manoel Vaz Carrasco (meu sexto avô) e sua segunda mulher, Madalena de Sá e Oliveira, mãe da jovem Rosa de Sá e Oliveira, uma das sete irmãs, e futura mulher de José Xerez Furna Uchoa.

[13] LINHARES, Manoel do N. Alves - Ob. cit. p. 69.

II PARTE

1 A ribeira do Acaraú, o novo *habitat*

Dona Inês de Vasconcelos e seus quatro filhos, José de Xerez da Furna Uchoa, Luiz de Sousa Xerez, Rosaura de Oliveira Mendonça e Ana da Conceição Uchoa, ao migrarem para Lagoa Seca, hoje Bela Cruz, como muitas pessoas fazem nos primeiros dias de mudança, acredita-se ter se abrigado à sombra dos guarda-sóis dos parentes ali já estabelecidos - Manoel Vaz Carrasco e de sua segunda mulher Madalena de Sá e Oliveira; que ali, como Felix da Cunha Linhares, casado com Maria de Sá, filha de Leonardo de Sá; Domingos da Cunha Linhares; Antônio Rodrigues de Magalhães; Domingos Rodrigues Lima e Manoel Madeira de Matos "bandeirantes tropicais da zona norte" do Estado do Ceará, no dizer de Frota, já [14] exploravam a indústria pastoril das charqueadas, dos couros e peles.

Uma atividade bem-sucedida pelas vantagens comparativas que apresentava a Ribeira do Acaraú na oferta de pastagens, ausência de zoonoses e baixo custo de cabotagem pela proximidade do porto das oficinas para exportação dos produtos para a zona açucareira. O engenho, as grandes fazendas de criar gado e o comércio eram as únicas atividades econômicas que a Coroa portuguesa valorizava.

Os Xerez chegaram para se fixar à terra e não para se tornarem absenteístas, como fazia a maioria dos sesmeiros que moravam na sede da Capitania. Ou de outros, que residiam fora do Ceará, como o senhor da Casa da Torre, Francisco Garcia D'Avila, sediado na Bahia.

Infere-se que a chegada da família Xerez, ao Ceará, acontecera depois do ano de 1731, visto que Brites de Vasconcelos, a sexta filha de Manoel Vaz Carrasco, o pai das sete irmãs, com sua segunda mulher Madalena de Sá e Oliveira, ter nascido, em 1724, ainda em Igarassu (PE); mas já tendo sua caçula - Sebastiana de Sá Oliveira, batizada a 6 de julho de 1731, na Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Almofala,

[14] FROTA, Francisco Marialva Mont'alverne – Vila Distinta e Real de Sobral. *Revista do Instituto do Ceará* de 1973, p.181.

hoje Itarema (CE). A Almofala, que como Tróia, "não é: foi", no dizer de Andrade, [15] "foi um aldeamento de índios Tremembés, a mais de cem quilômetros a oeste de Fortaleza", iniciado em 1608 pelos jesuítas nas praias cearenses.

Também sem data definida da chegada dos Carrascos ao Ceará há quem admita que a mesma tenha acontecido durante os períodos em que Sebastião Sá, irmão de dona Madalena de Sá e Oliveira, tenha governado o Ceará (1678-1682) e (1684 1686); contudo, acredito que essa hipótese não encontre sustentação, porquanto existe um distanciado tempo (45 anos) entre o governo de Sebastião de Sá e o batismo (1731) de Sebastiana de Sá e Oliveira. Torna-se mais provável que a chegada dos Carrascos tenha acontecido no começo do século XVIII, no período entre o nascimento de Brites de Vasconcelos (1724 em Igarassu (PE)) e o batismo de sua irmã caçula Sebastiana de Sá e Oliveira (1731) ocorrido já na igreja de Nossa senhora da Conceição em Almofala dos Tremembés (CE).

Sem fazer ficção, como fiz, em meu personagem Afonso, no livro *No Rastro do Boi*, também pernambucano, migrante de Serinhaém (PE) viajando por terra, tangendo gado para estabelecer-se em sua Sesmaria na Granja, na Ribeira do Coreaú, imagino José Xerez Furna Uchoa, diferentemente: visualizo-o, jovem desembarcando, no porto das Oficinas em Acaraú, com a mãe e os irmãos, da Sumaca que o trouxe de Goiana, sendo a bagagem transportada por carros de boi até a minúscula Bela Cruz do início do século XVIII.

Sebastião de Sá foi nomeado, pelo governo de Pernambuco, Capitão-mor para a Capitania do Ceará em 20 de julho de 1678, "já tendo sido também por patente régia de 7 de maio anterior". Brigido,[16] diz encontrar-se "atos deste capitão-mor de 25 de setembro de 1678 a Setembro de 1682".

Quão diferentes caracterizavam-se os cenários físicos de um e de outro ecossistema da zona da mata pernambucana e da caatinga litorânea cearense!

---

[15] ANDRADE, Carlos Drummond de. "Areia e Vento", *Correio da Manhã* - Rio de Janeiro, 17 de novembro de 1946.

[16] BRIGIDO, J. *Revista do Instituto do Ceará* de 1900.

Instalados numa área, com o perfil do imaginado por Dona Inês para curar-se de seu mal, começou a família a desenvolver uma atividade econômica, a fazenda de criar gado vacum, considerada complementar a produção do engenho, o primo rico da fazenda, que, no dizer de Simonsen,[17] "era a retaguarda econômica do engenho, ao mesmo tempo em que constituía uma eficaz proteção contra as incursões dos selvagens nas zonas litorâneas do açúcar, exerceu ainda uma alta finalidade, quando se verificou a expansão mineradora do Brasil Central".

Em vez do cheiro adocicado do açúcar, provindo da bagaceira, o sopro do vento ribeirinho do Acaraú tangia o azedume do esterco curtido do curral.

Eram dois estilos de vida diferentes, o engenho e o da fazenda! O primeiro de gestos nobres da casa grande, das louças inglesas, das alcovas reservadas, do silêncio respeitoso à mesa durante as refeições, com pessoas bem postas na vestimenta e no sentar elegante em cadeiras de espaldar alto e brasões sulcados no couro, das sinhazinhas se comunicando mais pelo olhar do que pela língua; em que se ouvia mais o estrilar das campanhas do que a própria fala dos comensais.

A fazenda com hábitos mais simples, democráticos, onde ainda não existia democracia, a não ser do clima que tentava ombrear o fazendeiro do vaqueiro e do tangerino compadre.

2 Casamento

JOSÉ DE XEREZ FURNA UCHOA, nascido em 1722 em Goiana (PE) e falecido em 1797, em Sobral (CE) o filho mais velho de Francisco Xerez da Furna e D. Inês de Vasconcelos Uchoa, a personalidade destacada neste trabalho, casou-se aos 25 anos de idade, solenemente, em 21 de outubro (sábado) de 1747, às 19 horas, na Matriz da Caiçara, hoje Sobral, com ROSA DE SÁ OLIVEIRA, a 5ª das sete irmãs da Ribeira do Acaraú, filha de Manoel Vaz Carrasco e sua segunda mulher Madalena de Sá Oliveira.

[17] SIMONSEN, Roberto C. – *História econômica do Brasil* 1500-1820. Edições do Senado Federal, vol. 34, p. 205.

O ato solene foi assistido pelo Visitador Pe. Manoel Machado Freire, tendo como testemunhas o Pe. Pedro de Albuquerque Melo e o Sargento-mor Manuel Rodrigues Coelho.

Neste mesmo ano de 1747, segundo Araújo[18], Xerez viajou para o velho continente, acredito eu, em lua-de-mel, em uma viagem que deve ter durado uns 50 a 60 dias para atravessar o Atlântico. **Visto que Koster[19], partindo de Liverpool, em 1809, para o Recife, pelo Lucy, como registra ele, consumiu 35 dias para ancorar em Pernambuco.**

Atente-se que Xerez e (Rosa?) atravessaram o Atlântico 62 anos antes a Koster quando o sistema de navegação era naturalmente mais atrasado.

Do casamento de Xerez e Rosa, nasceram: Ana América Uchoa, Maria José Mendonça, Francisca Xavier de Mendonça, Mariana de Lira Pessoa, Padre Miguel Lopes Madeira Uchoa, José de Lira Pessoa e Maria Manuela da Conceição.

1. **Ana América Uchoa**, batizada em 20 de setembro 1749, casou-se, em 30 de novembro de 1769, com Manoel José do Monte, viúvo de Luzia da Costa Maciel, filho do segundo matrimônio de Gonçalo Ferreira da Ponte com Maria da Conceição. 2. **Maria José Mendonça**, nascida em 1750, casou-se em 8 de fevereiro de 1781 com Joaquim Madeira de Matos, filho de Manoel Madeira de Matos e Francisca de Albuquerque Melo. Maria José faleceu em 3 de dezembro de 1786, com 36 anos. 3. **Francisca Xavier de Mendonça**, nascida em 1751 casou-se em 21 de setembro de 1778, com o Capitão Antônio Manoel da Conceição, filho de Manoel José do Monte e Luzia da Costa Maciel. 4. **Mariana de Lira Pessoa**, casou-se em 21 de setembro de 1778 com o Capitão Antônio Álvares de Holanda, filho de Domingos Alves e Ribeiro e Ana de Sá Cavalcante. 5. **Padre Miguel Lopes Madeira Uchoa**, nascido em 2 de abril de 1762. Sua ordenação, acontecida em 1785, provavelmente na Diocese do Maranhão, fez dele o primeiro sacerdote a ter nascido em freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Caiçara. Seu batismo foi

[18] ARAÚJO, Pe. Francisco Sadoc de. *Origem da cultura sobralense***.** Sobral: Edições UVA, outubro de 2005, p.79.

[19] KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Tradução, prefácio e comentários de Luís da Câmara Cascudo, ABC Editora 2003, vol. 1, p. 15.

realizado em 5 de maio de 1762, na Capela de Santa Cruz, pelo Reverendo padre Elias Pinto de Azevedo.

Aragão [20] relaciona Padre Miguel assistindo, em (1786 -1788) a Capelania de Meruoca para honra e satisfação dos pais ali proprietários do Sítio Santa Úrsula. Sem outras informações e pelo curto período de tempo entre a ordenação e sua presença em Meruoca, pode-se dizer que a população de Meruoca foi a primeira a ter a assistência clerical desse padre.

Segundo Studart,[21] Padre Miguel exerceu grande parte de sua vida religiosa no Piauí, onde faleceu, deixando "grande fortuna da qual, todavia, os herdeiros não quiseram aproveitar por não ter estado em relações com eles". Fato contestado por Araújo [22] , quando afirma que Padre Miguel "sempre esteve em relação com família" e pelo contrário do dito, os herdeiros manifestaram sim, indisfarçáveis, desejo de se apropriar de sua fortuna, ainda que não tão expressiva fosse como apregoavam. Aliás, um direito claro dos herdeiros, desde que Padre Miguel não tivesse, em testamento, destinado para alguém ou instituição. O inventariante foi José de Lira Pessoa, irmão de Padre Miguel.

6. **José de Lira Pessoa**, meu tetravô materno, nascido em 4 de setembro de 1776, casou-se duas vezes, a primeira, em 1793, com Inácia de Holanda Cavalcante, filha do Capitão-mor Bento Pereira Viana e Bernarda Cavalcante de Albuquerque; e a segunda, com Maria Pereira Viana, filha de Bento Pereira Viana e Teresa Maria de Jesus, em 26 de agosto de 1828.

Do primeiro casamento, de José Lira Pessoa, com Inácia de Holanda Cavalcante, nasceram três filhos: a) Arnaud de Holanda, que se casou a primeira vez, em 30 de junho de 1824, com Joaquina Ferreira da Costa, filha de José Ferreira da Costa e Maria Quitéria do Espírito Santo e a segunda, com Beatriz Lopes, filha de Narcisio Lopes Aguiar e Maria Quitéria de Jesus, b) Francisca de Lira Pessoa (ou Xavier), minha trisavó, que se casou em 1820, com o Capitão Diogo Lopes

[20] ARAGÃO. Mário Henriques. *Meruoca 300 anos de História*. Imprensa Oficial do Município de Sobral – 1999, p. 115.

[21] STUDART, Guilherme. (Barão de Studart). *Dicionário Bio-Bibliogphico Cearense* por Guilherme Studart.

[22] ARAÚJO, Pe. F. Sadoc de. *História religiosa da Meruoca*. p. 68.

Coração Maria de Aguiar (Diogo Meu Bem), filho de Gabriel Arcanjo de Aguiar e Domiciana Teresa da Conceição e, finalmente, c) Bernarda Cavalcante de Albuquerque que se casou em 29 de novembro de 1815, com Miguel Lopes Cavalcante, filho de Antônio Álvares de Holanda e Maria de Lira Pessoa.

Do segundo casamento de José Lira Pessoa com Maria Pereira Viana, nasceram Trajano de Lira Pessoa, Francisco de Lira Pessoa, Vicente de Lira Pessoa, José de Lira Pessoa (filho), Teresa de Lira Pessoa e Ana Maria de Lira.

7. **Maria Manuela da Conceição**, nascida em 6 de dezembro de 1768, casou-se em 22 de março de 1787, com o Sargento-mor Francisco Antônio Linhares, filho de Antônio Álvares Linhares e Inês Madeira de Vasconcelos.

Pinçando a segunda filha do primeiro casamento de José de Lira Pessoa com Inácia de Holanda Cavalcante, ou seja, **Francisca de Lira Pessoa (ou Xavier)** (trisavó do autor) casada com o Capitão Diogo Lopes Coração Maria de Aguiar (Diogo Meu Bem), registra-se a seguinte descendência:

1. José de Lira Aguiar, casou-se em 19 de novembro de 1843, com Francisca Ferreira da Rocha, filha de Bernardo Ferreira da Rocha e Ana Joaquina de Medeiros. 2. João de Lira Pessoa, casou-se em 7 de janeiro de 1846, com Francisca Marcolina, filha de Antônio Rodrigues Lima e Leonissa Maria do Livramento. (pais do Monsenhor Antônio de Lira Pessoa de Maria e do Cônego João de Lira Pessoa) 3. Gabriel Arcanjo de Aguiar (Neto) que casou em 25 de agosto de 1852, com Constança de Aguiar, filha de Antônio Rodrigues Lima e Maria do Livramento. 4. Vicente de Lira Aguiar (ou Maria de Aguiar), (bisavô do autor) que se casou, em primeiras núpcias, em 20 de junho de 1855, com Antônia Carolina de Holanda Cavalcante (sua prima legítima pelo lado materno) filha de Arnaud de Holanda Cavalcante e sua segunda mulher Brites de Medeiros. Viúvo de Antônia Carolina, com sete filhos, casou-se Vicente Lira de Aguiar, em segundas núpcias, em 9 de novembro de 1879, com Marcolina Maria de Jesus Aguiar (bisavó do autor e viúva de José Rodrigues de Sousa de quem trouxe 3 filhos.) 5. Francisco de Lira Pessoa, casado em 15 de maio de 1856, com Rita de Holanda Cavalcante, filha de Arnaud de Holanda Cavalcante e sua segunda mulher Brites de Me-

deiros. 6. Maria Joaquina, que se casou em 14 de janeiro de 1850, com Domingos Rodrigues Lima, filho de Pedro Rodrigues Lima e Maria José de Jesus. 7. Inácia Francisca Pessoa, que se casou em 17 de janeiro de 1838, com Francisco Bezerra de Araújo, filho de Joaquim Bezerra de Araújo e Ana Joaquina de Medeiros. 8. Ana América Pessoa, casou-se em 12 de janeiro de 1843, com seu tio José Valério de Aguiar, filho de Gabriel Arcanjo de Aguiar e Domiciana Teresa.[23]

Por ser numerosa, a descendência do casal José de Xerez Furna Uchoa e Rosa de Sá Oliveira, e por não ser o objetivo deste trabalho, mas, de outro que, por certo, advirá no futuro, fixo-me na prole de um dos seus inúmeros bisnetos; no caso o de Vicente de Lyra Maria de Aguiar (meu bisavô materno) o quarto filho do primeiro casamento do Capitão Diogo Lopes Coração Maria de Aguiar (Diogo Meu Bem) e Francisca Xavier de Lira Pessoa, filha de José de Lira Pessoa (o sexto filho de Rosa e Xerez) e a sua primeira mulher D. Inácia de Holanda Cavalcante, filha do primeiro casamento do Capitão-mor Bento Pereira Viana com Bernarda Cavalcante de Albuquerque.

Referida descendência esbarrará nos filhos de Vicente Lira de Aguiar (trinetos de Xerez e Rosa), dos dois casamentos, isto é, o primeiro, ocorrido em 20 de junho de 1855, com Antônia Carolina de Holanda Cavalcante e o segundo, em 9 de novembro de 1879, com Marcolina Maria de Jesus, viúva de José Rodrigues de Sousa.

São filhos do primeiro casamento de Vicente de Lyra Maria de Aguiar com Antônia Carolina de Holanda Cavalcante: Joaquim Casemiro de Aguiar, Diogo Lopes de Aguiar, Francisco de Lira Aguiar, José de Lira Cavalcante, Filomena Isabel de Maria, Maria da Glória e Maria do Carmo.

Joaquim Casemiro de Aguiar casou-se com Ana Excelsa de Andrade, filha de Antônio Juvêncio de Andrade e Francisca Laurinda de Menezes; 2. Diogo Lopes de Aguiar casou-se com Maria Doríntia Aguiar, filha de Antônio Alves de Aguiar e Maria Bernarda de Jesus, em 5 de

[23] Deixo de mencionar os outros (oito) filhos do segundo casamento de Diogo Lopes Coração Maria Aguiar, por não provirem de Francisca Lira Xavier (neta de José de Xerez Furna Uchoa e de Rosa de Sá e Oliveira, filha de Manoel Vaz Carrasco e sua segunda mulher Madalena de Sá Oliveira), e sim de Rita Medeiros, visto que a intenção deste trabalho trata da descendência direta de José de Xerez Furna Uchoa.

março de 1889. 3. Francisco de Lira Aguiar; 4. José de Lira Cavalcante casou-se duas vezes: a primeira com Maria de Jesus de Aguiar, filha de Antônio Ferreira de Aguiar e Maria Bernarda de Aguiar, em 7 de maio de 1881, e a segunda, em 31 de julho de 1892, com Inocência d`Araújo Cavalcante, filha de João Raimundo de Araújo e de Umbelina Araújo Ponte; 5. Filomena Isabel de Maria casou-se em 10 de setembro de 1874, com João Tibério Arruda, filho de João José de Arruda e Maria Quitéria de Araújo, a 10 de setembro de 1874; 6. Maria da Glória, que se casou em 2 de setembro de 1875 com Raimundo Nonato do Monte, filho de Vicente Ferreira do Monte e Ana Joaquina Cavalcante; Maria do Carmo (tia Carminha) inupta.

Como o segundo casamento de Vicente de Lyra Maria de Aguiar com Marcolina Maria de Jesus, viúva de José Rodrigues de Souza, não é citado nos clássicos da genealogia cearense, acho de bom alvitre transcrever o termo que o registrou:

"Aos nove de Novembro de mil oito centos e setenta e nove, feitas as diligencias de estilo, sem resultar impedimento, no Sítio de Terra Nova em presença do Reverendo Diogo José de Sousa Lima de minha licença, sendo testemunhas José Valério D'Aguiar, e José de Lyra Pessoa de Maria se receberam em Matrimônio por palavras de presente, Vicente de Lyra Maria de Aguiar, e Marcolina Maria de Jesus, esta viúva de José Rodrigues de Sousa, sepultado no Cemitério desta cidade, e aquele viúvo de Antônia Carolina Cavalcante, sepultado no Cemitério do Remédio, o Nubente é da freguesia de Sant'Anna, e a nubente desta de Sobral. Para constar fiz este assento, que assino. a) O vigário Vicente Jorge de Sousa." Livro 14, Fls. 107 – Ano de 1876-1888 da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, em Sobral (CE).

São filhas deste casamento: 1. Cândida Lyra de Aguiar, 2 Constança Lyra de Aguiar, (avó do autor) 3. Maria Izabel Lira de Aguiar e 4. Maria dos Anjos Aguiar.

Cândida Lira de Aguiar, nascida em Massapê, em 3 de maio de 1882, casou-se com Antônio Minervino Soares; 2. Constança Lyra de Aguiar (Tatá) nascida a 15 de maio de 1883, em Massapê, casou-se em 1911, com Ângelo dos Santos Carvalho, filho de Antônio dos Santos Carvalho e Maria Joaquina Teixeira de Albuquerque; 3. Maria Isabel Lira de Aguiar (Bela do Zacarias) nascida em 20 de outubro de 1886, casou-se

com seu sobrinho pelo lado materno, – Zacarias Lira Cavalcante, filho de Manoel Lyra Cavalcante e Francisca Rodrigues de Sousa (Chiquinha) minha tia avó; 4. Maria dos Anjos (Tia Mocinha) nascida em 03 de novembro de 1887, tendo falecido, solteira, em Massapê (CE).

3 Que espirito político administrativo dominava o Brasil colonial do século XVIII?

O espírito do colonizador, do dominador, do explorador dos recursos naturais, da castração das liberdades individuais, da ambição, da arbitrariedade, da fraqueza das instituições e fortalecimento de posições pessoais e de administrações corruptas, que nada agregava tudo subtraía do país e de seu povo.

Tanto foi assim… na América portuguesa, espanhola, como na África inglesa, francesa, belga… O Brasil Colonial de Governadores orientados para não desenvolver a Colônia, mas absolutamente comprometidos com a destruição de suas riqueza, de Ouvidores que extorquem as autoridades que eles mesmos indicavam que só ouvem o que agrada aos ouvidos do Rei, que só pensam, primeiro, em encher seus bolsos e depois o tesouro da Corte.

Em 27 de março de 1765, no Palácio das Duas Torres, no Recife, na presença do Conde de Vila Flor, Governador de Pernambuco, prestava juramento como governador interino do Ceará, nomeado no dia anterior, o senhor Antônio Victoriano Borges da Fonseca, tenente-coronel do Regimento da Praça de Olinda. Com sua posse, Borges da Fonseca viria a ser o trigésimo sexto governador do Ceará, em substituição a João Baltazar de Quevedo Homem de Magalhães.

Ali se deu o início de um Governo que durou dezesseis anos com relativa paz na Capitania do Ceará.

Studart,[24] com seu aguçado senso de fazer história, registrou a escrita do Governador Borges da Fonseca, que governou o Ceará de 27 de março de 1765 a 10 de outubro de 1781, reclamando da irregular conduta do Ouvidor, no Ceará, durante seu governo - Victorino Soares

[24] STUDART, Guilherme (Barão de Studart) - *Datas e Factos para a História do Ceará*. Biblioteca Básica Cearense. Fortaleza – Fundação Waldemar Ancântara – 2001. Tomo I. p. 322.

Barbosa - e "pede com máxima instância as mais breves providências a fim de evitar os clamores dos povos e as desordens e roubos, que o dito Ouvidor lhe está fazendo, sendo dessas providências a criação de Juiz de Fora como já fora decretado para a Capitania de São José do Piauí e anexação da Provedoria a um Juizado de fora da Ribeira do Ceará".

Por conta da denúncia de Borges da Fonseca, o Ouvidor Victorino Soares Barbosa foi substituído por João da Costa Carneiro e Sá que foi empossado em janeiro de 1770. Em 5 de julho de 1773, por determinação do Governador de Pernambuco, Manuel da Cunha Menezes, num ato deliberado em 14 de novembro de 1772, o Ouvidor Carneiro de Sá eleva a povoação de Caiçara à condição de "Villa Distincta e Real de Sobral".

Dentre os presentes ao significativo ato solene, o escrivão da correição – Bernardo Gomes Pessoa, fazendo história, registrou os nomes das seguintes personalidades: Bento Pereira Viana (quinto avô do autor) Jerônimo Machado Freire, José de Xerez Furna Uchoa, (quinto avô do autor) Sebastião de Albuquerque Mello, Luiz de Souza Xerez (irmão de José de Xerez Furna Uchoa), Vicente Ferreira da Ponte, João Marques da Costa, Antônio de Carvalho e Souza, dentre outros. Estava ali, como disse o escrivão, citado por Studart[25] "a maior parte das pessoas mais capazes do povo d'este termo".

Alcança-se o ano de 1777, em que a Capitania do Ceará, sem ter como se esquivar da mão pesada da natureza, sofre os rigores de uma das mais perversas secas que dizimou grande parte de sua população humana e desorganizou sua economia, inclusive inviabilizando as charqueadas, uma das grandes inovações tecnológicas de seu tempo por falta de matéria-prima, o gado.

Tão maléfica, quanto a seca, foi a posse em 14 de março deste mesmo 1777, do Ouvidor José da Costa Dias e Barros, que, na insensibilidade do colonizador, ao invés de solicitar socorro para a população faminta e desassistida da Capitania do Ceará, baixou uma Resolução, datada de 20 de julho de 1778, no epicentro da grande seca (1777-1778), incorporando as terras da Meruoca e Uruburetama ao patrimônio da recém-criada Vila, ficando assim, ditas terras, pertencendo à Câmara de

[25] STUDART, Guilherme (Barão de Studart) , Ob. cit. p. 334.

Vereadores de Sobral. Nesta condição, seus posseiros ficavam sujeitos a pagar foros.

Joaquim Alves[26], comentando os estragos da seca de 1771-1778, disse:

"As secas não impressionavam os governantes coloniais pelos danos que causavam às populações, mas pelos prejuízos que traziam à coroa"; e completava com o informe do Senador Pompeu:[27] "o gado da então Capitania do Ceará ficou reduzido a menos de um oitavo e que os fazendeiros que recolhiam mil bezerros, não ficaram com 20 nos anos seguintes".

O mais danoso dessa seca é que seus reflexos negativos se projetaram tempo afora quando destruiu a pujante, mas vulnerável indústria da carne, por falta de matéria prima, a ponto de fazer com que seu inventor, o cearense José Pinto Martins, em 1780, se mudasse para o Rio Grande do Sul (Pelotas) e instalasse a primeira oficina de carnes secas, fora do Ceará.

A incorporação das terras da Meruoca levou a satisfação a algumas pessoas que não tinham terra em Meruoca e revolta a outros, como os posseiros. Dentre os descontentes, encontrava-se Xerez que, como posseiro de muitos anos do Sítio Santa Úrsula, em que tanto investira em equipamentos e infra-estrutura, não concordava com tal decisão, porquanto, entendia que uma ordem régia, a da Rainha Dona Maria, lhe acudia. Ontem, como hoje, o sucesso sempre incomoda alguém!

Furna Uchoa e alguns companheiros, vendo-se prejudicados no meio do furacão da seca, encaminharam uma representação á Rainha, denunciando o feito por Dias e Barros, que contrariava uma Ordem Régia de S.M. a Rainha Dona Mara I de Portugal.

As serras, pela amenidade de seus climas, tornam-se áreas diferenciadas para melhor, dentro do espaço físico do semi-árido, para produção agrícola, mesmo nos anos anormais de chuvas. A seca a flagela também, contudo, não tanto quanto as áreas de sertão.

---

[26] ALVES, Joaquim. *História das secas séculos XVII a XIX*. Biblioteca Básica Cearense – Fundação Waldemar Alcântara, 2003, p. 34.

[27] Senador Pompeu, citado por Alves, Ob. cit, p. 50.

Dias Barros, consciente de que a arrecadação de impostos iria diminuir, com a conseqüente remessa de receita para a Corte, taxou as terras das duas Serras. Ainda não findara de todo o período da grande seca dos três setes, quando, em 11 de setembro de 1779, parte dos membros da Câmara da "Villa Distincta de Sobral" [28] se dirigiu à Rainha de Portugal, assumindo a defesa do Ouvidor Dias Barros, acusado de corrupção e arbitrariedades, por José de Xerez Furna Uchoa, Coronel Sebastião de Albuquerque e Mello e o Ajudante de Auxiliar João Barreiros.

O Brasil Colônia, *grosso modo*, constituía uma época difícil de viver, principalmente para as pessoas que elegiam a ética, os valores morais, a família, porquanto o cenário político administrativo que dominava na Colônia, era de desconfianças, perseguições políticas.

A leitura dos documentos enviados para o Governador de Pernambuco, do qual o Ceará dependia, ou mesmo para Portugal, com futricas, davam a impressão de que à Corte, mesmo a distância, se interessava nessas intrigas de modo que o governador vigiasse o Ouvidor e este ao Governador.

4 A liderança politica

José de Xerez Furna Uchoa, já consolidado financeiramente, começava a brotar seu veio político. Em 26 de julho de 1758, com 36 anos de idade, quando "da abertura de pelouros, sahiu eleito juiz da Ribeira do Acaraú" e empossado em 17 de agosto do mesmo ano.[29]

Em 22 de novembro de 1765, José de Xerez Furna Uchoa foi eleito sargento-mor em substituição a Antônio da Rocha Franco. Em 22 de março de 1776, por provisão do governador Capitão General – José

[28] THÉBERGE, P. As Câmaras de Vereadores, daquele tempo, detinham "poderes mui amplos e independentes, dos quaes eram ciosas," por isto os Capitães-mores {e os Ouvidores} buscavam por todos os meios controlá-las, muitas vezes por meio de prisões e violências, de modo em atender suas exigências, como o fornecimento de "attestados favoraveis e cartas de abono, para illudirem o Monarca. Como exemplo desse despotismo, ilustra o episódio do Capitão-mor do Rio Grande, Domingos Amado, que, diante da negação da Câmara em cumprir uma ordem absurda, expediu mandado de prisão, pondo-os na prisão no meio dos criminosos. Ob cit. p. 122.

[29] STUDART, Guilherme. (Barão de Studart) Ob. cit. p. 277.

César de Menezes foi nomeado José de Xerez Furna Uchoa Capitão-mor da Vila Real e Distinta de Sobral. Aragão.[30]

Em 12 de outubro de 1774, Ordem Régia promovendo Bento Pereira Viana, consogro de José de Xerez Furna (e quinto avô do autor) no "posto de Mestre de Campo do terço de infantaria Auxiliar da Marinha da Ribeira do Acaraú".

5 O sítio Santa Úrsula e o espírito inovador de Furna Ochoa

No esplendor do apogeu político e empresarial, Furna Uchoa, voltava à Europa, como costumava dizer Joaquim Nabuco quando de suas andanças pelo Velho Mundo, porquanto se considerava um europeu dos trópicos.

Xerez com certeza falava francês, já que era comum à casa-grande do engenho dialogar na língua de Victor Hugo como senha de nobreza. Já era difícil uma pessoa nascida no Brasil Colônia ser recebida na Corte portuguesa, imagine-se no esplendor do Versailles de Luiz XV.

Somente as pessoas de muito relacionamento e articulação social poderiam ser capazes de tal proeza. Xerez o foi! Veja-se o que diz Linhares[31] sobre essa viagem: "Nutrindo desejo ardente de ver de perto os esplendores da Corte de França, onde então reinava Luiz XV, partiu de Lisboa José de Xerez, munido de recomendações das mais distintas pessoas, o que lhe valeu ser muito aceito, obtendo até a honra, então muito cobiçada, de ser incluído numa apresentação à Corte de Versailles; porem cousa muito melhor do que tudo isto obteve ele, graças parece que ao Duque de Choiseul,* foi arranjar duas pequenas plantas de café, das existentes no jardim das plantas de Paris".

O mesmo autor estima que a primeira muda de café chegada ao Ceará, pelas mãos de Xerez, "remonta ao ano de 1748, senão ao de 1747".

Para dimensionar quanto prestígio adensava esse feito, basta dizer que, em 1978, viajei aos Estados Unidos como representante do governo brasileiro nas negociações de projetos de desenvolvimento rural para o Nordeste, junto ao Banco Mundial, mas jamais sequer visitei a Casa

[30] ARAGÃO, Mario Henriques. Ob. cit. p. 134.
[31] LINHARES, Manoel do N. Alves. Ob. cit.

Branca da época de Jimmy Carter (1977-1981), a não ser numa simples fotografia posando junto às grades de seus jardins. É lógico que o luxo de Versailles, deve ter encantado a retina de Xerez, mas não tanto quanto as mudas de café que o enfeitiçaram como homem de visão larga. Como homem de visão mercantilista, imediatamente elevou seu pensamento e voou para a serra da Meruoca, quando contemplou um cafezal invadindo suas encostas.

Girão,[32] reportando ao assunto, diz: "A introdução do café no Ceará processou-se vinte anos depois que Melo Palheta o trouxe de Caiena para o Pará. Mas não proveio deste, o café cearense; e sim dum exemplar de moca que, numa de suas viagens à Europa o pernambucano de nascimento, José de Xerez Furna Uchoa, adquiriu do Jardim das Plantas de Paris".

Do ponto de vista agronômico, assenhorou-se dos princípios da enxertia, hoje uma prática feita por qualquer viveirista, mas para a época era uma técnica de alto requinte.

Era Xerez, portanto, um inovador tecnológico! Fala-se somente no café, pela importância econômica assumida no Brasil novecentista, mas ele introduziu também a mangueira, o tamarindo entre outras espécies exóticas, mas adaptadas às condições nordestinas. Tornou-se assim, o sitio Santa Úrsula, berço da primeira muda de café chegada ao Ceará.

É fácil compreender que Furna Uchoa não provinha da fazenda, sem nenhum demérito ao fazendeiro ou vaqueiro, mas do engenho que, como o próprio nome sugere, e cobra engenhosidade na sua dinâmica por ser uma unidade produtiva cujo produto, o açúcar, exigia um elevado valor agregado para época. E que disse Linhares,[33] seu trineto, em 1901, sobre este emblemático sitio?

"Morrendo sua mãe, retirou-se José de Xerez para Vila de Sobral; residia, porem, a maior parte do tempo em seu famoso sítio S. Úrsula, sobre a serra da Meruoca, onde construiu um bom engenho de moer cana, todo o maquinismo para preparação da farinha de mandioca e casa de moradia, achando-se tudo ainda hoje (em 1901) como ele deixou, não

[32] GIRÃO, Raimundo. *História econômica do Ceará*. Universidade Federal do Ceará – Casa de José de Alencar, 2000, p. 378.
[33] LINHARES, Manoel do N. Alves. Ob. cit. p. 69.

se tendo mudado uma só fechadura, nem uma chave; nem mesmo uma só telha fora removida da coberta da casa até o ano de 1875. Ali ainda se conservam enormes cadeiras de sola, onde foram gravados em grande relevo seus brasões, diversos bancos de madeira e mesas; o seu tinteiro e até uma grande bengala de brajaúva, com que costumava ele visitar e examinar suas plantações. A tinta de papéis por ele escritos em 1730, ainda está perfeita e essa tinta era por ele preparada."

Era fim de junho de 2007, quando eu, em companhia de minha mulher, a escritora Heloísa Helena Caracas de Souza e de minha filha a engenheira-agrônoma Taciana Maria Caracas de Souza Albuquerque (hexaneta de Xerez) visitamos a serra da Meruoca em busca de vestígios desse emblemático sitio que não fosse somente a terra. Procuramos também ver a casa onde, em 1879, havia se casado, pela segunda vez, na Nova Terra, Vicente de Lira Maria de Aguiar, este bisneto de José de Xerez e meu bisavô materno. Encontrei, naturalmente, os cascos dos dois sítios, o Santa Úrsula, transformado no Distrito de São Francisco, no município de Meruoca e o Nova Terra, pertencendo a Massapê.

Ambos os sítios se encontram descaracterizados: desmatados e povoados, como toda a Serra da Meruoca, sem café, com poucas espécies arbóreas, como remanescente da flora primitiva, ocupada por muitos posseiros trazendo acentuados traços indígenas, alguns morando em choças cobertas com palhas de babaçu e diversas roças como milho e mandioca.

Como novidade de seu uso atual, presenciamos apenas alguns pés de pimenta-do-reino enroscados numas estacas de sabiá fincadas a pau-a-pique.

No trecho da estrada de barro, íngreme, a causar medo pelos abismos dos penhascos, que separam o Sitio Santa Úrsula, (Distrito de São Francisco, Meruoca) em busca do Sítio Nova Terra, (em Massapê) passando pelos povoados de Juazeiro, Santo Elias e distrito de Santa Rosa (Meruoca) não contemplei um só filete de água. Vimos somente esses povoados pobres e dois carros trafegando. O primeiro carro, o da Companhia de Energia Elétrica do Estado, agora privatizada, instalando uns postes num lugar aparentemente ermo, e o outro, uma camioneta vindo em sentido oposto ao nosso, provindo de Terra Nova, para onde nos dirigíamos abarrotada de amêndoas de babaçu. A população explorando o extrativismo e o artesanato.

A serra da Meruoca, diferentemente da Ibiapaba, Uruburetama e Baturité, é uma serra seca. Do ponto de vista histórico ocupacional, fazendo exceção a existência de um bom hotel, o Itacaranha, incentivado pela extinta Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), o elevado padrão do artesanato e algumas pousadas, como suporte de um incipiente turismo, a Serra da Meruoca parou no tempo e até piorou seu uso atual, porquanto a base física deteriorou-se.

Grosso modo, sua situação fundiária fica assim distribuída: 35 % de espaço são ocupados por sitiantes de Sobral, para fins de lazer, 65% com famílias da própria Meruoca e o restante pertencente a pessoas outras morando até fora do Estado.

6 Perseguição política

Desgraçadamente, em 10 de outubro de 1781, o governador Borges da Fonseca deixa o governo da Capitania do Ceará e para seu lugar, foi nomeado, em 11 de maio de 1781, João Batista de Azevedo Coutinho de Montaury, mas somente tomando posse em 9 de maio de 1782.

Enquanto Borges da Fonseca era Governador da Capitania do Ceará, a resolução de Dias e Barros quanto ao pagamento de foros das terras, não houve conseqüências práticas. Contudo, com o fim do Governo Borges da Fonseca e início da aliança de interesses escusos entre o Ouvidor Dias Barros e o Governador Montaury, a Capitania do Ceará passou a viver momentos difíceis, não somente pelos reflexos da grande seca de 1777, mas, sobretudo, pelo momento administrativo que passava. Nesse contexto adverso, sofriam também as instituições, cujas autoridades não coonestassem com os desmandos promovidos pelos representantes da Corte portuguesa.

Veja-se o que dizia Frota: [34] "A incúria administrativa dos Capitães-mores, na Capitania do Siará-Grande, é um destaque indissociável no quadro das instituições político-administrativas. Os contratos, fintas e derramas eram os instrumentos de opressão fiscal que impunham a

[34] FROTA, Francisco Marialva Mont'alverne. Ob cit. p, 185.

cupidez voracíssima dos Capitães-mores, em constantes conflitos com os Ouvidores, o que causou veementes reclamações à autoridade central ultramarina".

Em 27 de setembro de 1783, registra Studart,[35] a Câmara de Fortaleza surpreende-se e agradece à Corte portuguesa por ter deferido o requerimento em que rogava "ser dispensada de pagar propinas, que o ex-ouvidor Dias e Barros queria extorquir-lhe por motivo do falecimento da Rainha mãe Maria Anna". Em 10 de novembro do mesmo ano de 1783, Montaury dirige-se, por oficio, a Martinho de Mello e Castro, solicitando remoção "do governo do Ceará onde reinam vícios e desordens"; comunica também que está cumprindo a ordem que beneficiava a Câmara de Fortaleza, contra a extorsão que pretendia fazer o Ouvidor Dias e Barros.

Frota,[36] como descendentes de um irmão de Xerez, e apegando-se a uma fonte primária, hoje pertencente à Família Linhares, estes descendentes também diretos de Furna Uchoa, relata os desdobramentos da desobediência de Xerez e seus companheiros. "Xerez e diversas outras pessoas de Sobral, das mais consideradas, resolveram opor-se ao cumprimento d'essas ordens, por ele tidas como ilegais, por estarem em inteira desarmonia com as ordens e concessões régias. Reiterando o Governo as suas ordens, ameaçando, com prisões, aos que impedissem o seu cumprimento os oponentes recalcitraram alegando: que não cumpriram as ordens do Governo por entenderem absurdas pretensões em destruir concessões feitas por S.M. a Rainha".

A ordem de prisão foi expedida para todos os desobedientes com alguns fugindo, outros negando a desobediência, enquanto isso Xerez, mesmo sendo aconselhado pelo próprio oficial encarregado de sua prisão, a fugir, não o fez e foi levado, preso, a comparecer perante Montaury, então governador da Capitania do Ceará.

Contudo, o que mais irritou Montaury, no meu entender, foi José de Xerez Furna Uchoa ter enviado, como diz Araújo [37], em 20 de outubro de 1786, "ofícios violentos de protesto ao Ouvidor Avelar de Barbedo que se encontrava nesse dia, em audiência na vila Sobral".

---

[35] STUDART, Guilherme (Barão de Studart). *Datas e Factos*. Ob.cit. p. 368.
[36] FROTA, D. José Tubinambá da. *História de Sobral.* Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno. 1974, p. 308 e 309.
[37] ARAÚJO, Pe. Francisco Sadoc de. *História Religiosa de Sobral,* p. 65.

Instado pelo governador a desdizer tudo o que havia dito anteriormente sobre o fato, respondeu ofendido, mas sobrecenho: "O senhor Governador está enganado: o Capitão-Mor José de Xerez Furna Uchoa não engole jamais aquilo que lança"! Dito isto, José de Xerez da Furna Uchoa, apesar de Capitão-mor da Distinta Vila Real de Sobral, por patente de 30 de julho de 1782, em fins outubro de 1786, foi encaminhado para os presídios da Bahia e de lá seguiria para Angola. Contudo, a pena, em parte foi comutada, mediante o pagamento de avultada quantia proveniente não só do próprio Capitão-mor, mas também da colaboração de seus parentes e amigos. Ainda assim, ficou privado de sua liberdade total, porquanto não pôde voltar imediatamente ao seio de sua família. Contudo, ao voltar veio investido de poderes do vice-rei do Brasil para mandar prender seus inimigos e perseguidores, fato que veio demonstrar que sua prisão foi puramente de caráter político.

Em 5 de janeiro de 1787, o Ouvidor Geral do Ceará, Avellar de Barbedo se dirigiu ao Ministro, seu superior hierárquico, em longa exposição em que denuncia os atos " de tirania e corrupção praticados por Montaury em sua luta com os Ouvidores da Capitania". Dita representação foi elaborada na própria Vila de Sobral. Até agosto de 1789, fim de seu governo, Montaury manteve intensa correspondência com seus superiores hierárquicos, maldizendo-se de viver no Ceará, ao tempo em insistira em sua remoção.

É de bom alvitre relembrar, que todo o século XVIII, foi marcado por movimentos sociais, alcançando o apogeu na Revolução Francesa, em que pregavam a liberdade, a igualdade e a fraternidade; trinômio este que apavorava as potências colonizadoras da época.

Contudo, Portugal, com relação a sua Colônia mais importante, sabia que, mais cedo ou mais tarde, soaria o grito de liberdade. Assim sendo, com o espírito de postergar o máximo possível essa independência, qualquer ato de mínima desobediência era punido com severas penas. E as autoridades portuguesas que, no Brasil-Colônia, em tudo viam uma rebeldia, sabiam que Furna Uchoa era um homem esclarecido, provindo da elite espanhola e portuguesa, probo e de cuja palavra poderia emergir uma liderança, cuidaram logo de abafar sua voz.

A França, da segunda metade do século XVIII, era tida como um país subversivo para os regimes monárquicos ainda dominantes na

maioria dos paises da Europa. É bom lembrar que Xerez havia visitado a França em 1747, mesmo sendo num período de 32 anos antes da queda da Bastilha, ainda assim já estava incubado o germe da liberdade. Porquanto Luiz XV era menos absolutista do que Luiz XIV e Luiz XVI, menos do que Luiz XV tanto assim que a dinastia dos Capetos ruiu.

Germe esse, que mesmo que Pasteur tivesse nascido no século XVIII, e não no século XIX, nada poderia ter feito para impedir a revolta, porquanto os germes da revolução francesa atacavam mais o tecido social do que o biológico. Como tal, Xerez, talvez já com um espírito nacionalista também incubado desde a "Guerra dos Mascates" como em tantos outros de sua época, foi um subversivo para os portugueses e um patriota no espírito dos ideais da Inconfidência Mineira.

Em relação à Ribeira do Acaraú, a Vila de Sobral passava pouco a pouco a emergir como futuro pólo de desenvolvimento da Zona Norte; não só à custa de sua base de recursos naturais - solos aluviais da Ribeira do Acaraú, acrescidos pelos terrenos férteis da Serra da Meruoca, incorporada à Povoação de Sobral, quando de sua elevação a Vila Real de Sobral - mas, principalmente pelo capital humano ali radicado.

Como se vê, a fidalguia, que tanta orgulha o sobralense, irriga-se do sangue de homens da estirpe de Leonardo de Sá, Antônio Rodrigues de Magalhães, de Manoel Vaz Carrasco, José Xerez Furna Uchoa, de Bento Pereira Viana, de Felix Cunha Linhares...

Essa fidalguia se manifesta nos gestos mais simples do ser humano, como no falar, na alimentação, no tratamento dispensado ao seu semelhante.

Eu, pessoalmente, dou um testemunho do tratamento educado que Sobral dispensa aos seus homenageados: em 14 de março de 1983, na condição de secretário de Estado da Agricultura e Abastecimento do Estado do Ceará (II Governo do saudoso Virgilio Távora 1979-1982) fui distinguido, por iniciativa da vereadora Gildete Barroso Ibiapina, com o honroso título honorifico de Cidadão de Sobral, ocasião em que tive oportunidade de conviver mais de perto com sua elite administrativa da época.

O historiador que narrara o povoamento do Ceará, ali e acolá, de para com a Corte portuguesa despachando degredados, como ciganos, para o Ceará ou Angola como forma de castigo. No começo do

povoamento, o Ceará era uma capitania de expiação! Somente depois da ocupação holandesa, o fim da guerra dos Mascates (1710 e 1711) ou da expansão da economia açucareira (pela proibição pela Corte, de se plantar da zona da mata outra espécie que não a cana) foi que o semi-árido passou a ser importante provedor de proteína para a zona da mata, porquanto esta produzia principalmente carboidratos. E aí as duas correntes migratórias se interessaram pelo povoamento do Ceará: a baiana da Casa Torre, por dentro do sertãozão do São Francisco e a dos pernambucanos mais pelo litoral.

A dos baianos, homens sertanistas, rudes, mais dispostos a expandir os domínios dos Garcia d'Àvila, e que acredito não vestir-se de outro roupa, senão o gibão para cuidar do gado e ganhar dinheiro. Diferentemente agiam os pernambucanos que, como os irlandeses, ingleses que povoaram os Estados Unidos da América, vieram não só para acumular fortuna, mas também para civilizar, para ficar. Assim é que no fim do século XVII já havia sido concluído o povoamento, que foi consolidado no século XVIII.

7 O aspecto cultural de Xerez

O conhecimento pode-se adquirir em uma geração e tornar-se um sábio. A cultura não! Esta é resultante de um processo cumulativo de conhecimentos, costumes, valores e tradições que refletem séculos, milênios. A cultura egípcia, a grega, a romana, a ocidental…

Os troncos familiares de Xerez, pelo visto, provêm de um caldo cultural europeu, sobretudo do português, espanhol e holandês, adicionada a traços acalorados pelo clima da América portuguesa.

O homem é que transforma tudo! Ora, podendo ser influenciado pelo novo meio em que habita, ora modificando-o em seu próprio bem-estar. E nisso a cultura e o conhecimento (tecnologia) exercem um papel preponderante nesses ajustamentos do bom viver.

Araújo[38], buscando as origens da cultura sobralense, ao esbarrar no século XVIII, deparou-se com poucas manifestações culturais dignas de

[38] ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Origem da cultura sobralense*, Sobral: Edições UVA, 2005, p. 78 e 79.

registro. Contudo dentro deste estreito universo, pinçou as duas figuras mais importantes da época nesse campo: o padre João Ribeiro Pessoa e o Capitão-mor José de Xerez Furna Uchoa que escreveu suas *memórias genealógicas*, dando assim valiosas pistas sobre a história contemporânea de seu tempo. Para o mesmo autor, Furna Uchoa, pelo orgulho que exibia "de sua ascendência nobre heráldica, resolveu transmitir para a posteridade a satisfação que sentia por se ver ligado geneticamente aos brasões d`arma da nobreza de Castela e da Holanda. Os dados genealógicos que colheu estendem-se, na linha ascendente, até Arnaud de Holanda, filho de Barão de Rhenoburg e da princesa Margarida de Florença, irmã do Papa Adriano VI".

8 A contribuição de seu sangue na ribeira do Acaraú, no Ceará e no Brasil.

Converter-se-ia num trabalho dos mais significativos, para a genealogia cearense, penetrar nas radicelas que partiram da raiz pivotante de Xerez na formação de expressivo universo do povo cearense.

Os diversos ramos genealógicos que partiram da árvore-mãe de José de Xerez da Furna e Rosa de Sá e Oliveira, com todas suas imbricações: como os Xerez, os Uchoa, os Lira de Aguiar, ou Pessoa, os Aguiar, os Linhares, os Montes, os Carvalhos de Souza, os Lira Fontenele, os Lira Andrade, os Lira Cavalcante, os Aguiar Holanda, os Holanda Cavalcante, os Aguiar Melo, os Aguiar Arruda, os Ferreira da Ponte, os Gomes Parente, os Sá Cavalcante, os Soares Souza, Soares Frota...

Apraz-nos, contudo, saber da existência de múltiplos trabalhos isolados relativos aos diversos filos da descendência de José de Xerez da Furna Uchoa e Rosa e Sá e Oliveira. Aglutiná-lo num todo só, além de ser um desafio, torna-se uma obra meritória pelo registro da prole de um dos pioneiros do povoamento do Ceará, especialmente quando da elevação da povoação de Sobral à condição de Distinta Vila Real de Sobral.

José de Furna Uchoa nasceu (1722) e morreu (1797) aos 75 anos de idade, pernambucano de nascimento, contudo foi mais cearense de que muitos aqui nascidos! A viuvez de Dona Rosa prolongou-se até 10 de fevereiro do ano de 1812 quando faleceu aos 96 anos de idade.

Índice Onomástico

A

Aragão, Mário Henriques
Araújo, Pe. Francisco Sadoc de
Alves, Joaquim Alves
Andrade, Carlos Drumond de
Andrade, Manuel Correia de
Brigido, João
Coelho, Antônio Borges
Frota, Francisco Marialva Mont'alverne
Frota. Dom José Tupinambá da
Furtado, Celso Monteiro
Girão, Raimundo
Koster, Henry
Linhares, Manoel do N. Alves
Porto, Costa
Simonsen, Roberto C.
Studart, Barão
Théberge, Dr. P.

Foto 1 – Ésio de Souza ao lado de sua genitora, Maria do Carmo Carvalho de Souza, aos 94 anos de idade (tetraneta do capitão-mor José de Xerez Furna Uchoa).

Ascendência materna do autor

Pais

Maria do Carmo Carvalho de Souza c.c. Joaquim Marques de Souza, filho de Francisco Marques de Souza e Eufrázia Maria de Souza.

Avós

Constança Lira de Aguiar (Carvalho) c.c. Ângelo dos Santos Carvalho, filho de Antônio dos Santos Carvalho e Maria Joaquina Terceira de Albuquerque.

Bisavô

Vicente Lira de Aguiar (segundo casamento) c.c. Marcolina Maria de Jesus, viúva de José Rodrigues de Souza.

Trisavó

Francisca Xavier de Lira Pessoa c.c. Capitão Diogo Lopes Coração de Maria Aguiar (Diogo Meu Bem), filho do Capitão Gabriel Arcanjo de Aguiar e Domiciana Teresa de Jesus, filha de João de Sousa Uchoa e Ana Maria de Jesus.

Tetravô

José de Lira Pessoa c.c. Inácia de Holanda Cavalcante, filha do Capitão-mor Bento Pereira Viana e Bernarda Cavalcante de Albuquerque.

Quinto avô

Capitão-mor José de Xerez Furna Uchoa c.c. Rosa de Sá e Oliveira (a 5ª das sete irmãs), filha do Capitão Manoel Vaz Carrasco (pai das sete irmãs) e Madalena de Sá e Oliveira, viúva de Francisco Bezerra de Menezes e filha de Nicásio Aguiar Oliveira e Madalena de Sá.

Sexto avô

Francisco Xerez da Furna c.c. Inês de Vasconcelos e Manoel Vaz Carrasco e Madalena de Sá e Oliveira.